

COFRINHO DIGITAL. Ferramenta apoiada pelo Ministério da Tecnologia poderá ser utilizada pelo celular

Eles apostam no troco eletrônico

Engenheiros criam plataforma para conversão de pequenas quantias em créditos digitais, reduzindo conflitos entre consumidores e comerciantes

GILDO SILVA*
ESTAGIÁRIO

Engenheiros de software alagoanos investiram R\$ 15.000,00 no desenvolvimento de projeto que pode resolver os conflitos entre comerciantes e consumidores por causa da falta de troco. Eles criaram, em setembro passado, um sistema no qual a empresa pode converter pequenas quantias de dinheiro em créditos digitais.

O engenheiro Bruno Peixoto, que divide o projeto com o também engenheiro de software Jefferson Bezerra, o engenheiro de hardware Rodrigo Peixoto e o advogado Eduardo Peixoto, define o sistema Piggio de forma bem simples: "Podemos dizer que, para o comerciante, o Piggio é o troco eletrônico; para o consumidor, é um cofrinho eletrônico".

Segundo o engenheiro, a ideia de fazer o sistema surgiu em 31 de janeiro do ano passado, quando ele estava em um estabelecimento comercial e ouviu o proprietário reclamando da falta de moedas de R\$ 1,00 para passar o troco dos clientes.

"Naquele momento, 'me deu um estalo'; eu havia encontrado um problema. Mas será que a falta de troco era realmente algo importante? Eu e meus sócios nos reunimos e fo-

mos pesquisar sobre o assunto", conta. Com o início das pesquisas, os empreendedores descobriram que a falta de troco era um problema relevante e que carecia de estudos mais aprofundados para encontrar uma solução.

"Para nossa surpresa, o problema se mostrou ainda maior. Constatamos que comerciantes, consumidores e o próprio Banco Central sofriam com a falta de troco no comércio. Com isso, quanto mais nos aprofundávamos no assunto, mais aumentava nossa paixão pela ideia", confessa Peixoto.

De acordo com o idealizador, o comerciante que quiser utilizar o sistema deve criar uma conta no Piggio para a sua empresa e realizar um depósito, através de boleto bancário ou débito em conta-corrente.

"A partir daí, o comerciante está apto a entregar o troco eletrônico através do aplicativo móvel, do nosso site ou até mesmo de seu próprio sistema de frente de caixa integrado ao Piggio. Para isso, basta informar o valor e o CPF do consumidor", explica.

Questionado sobre o que o consumidor deve fazer para aproveitar as vantagens do sistema, o engenheiro informou que este pode acumular seu troco mesmo sem nunca ter



FOTOS: JOSÉ FEITOSA

Bruno Peixoto, Jefferson Bezerra, Rodrigo Peixoto e Eduardo Peixoto são os responsáveis pelo Piggio, plataforma inovadora e desenvolvida em Alagoas

acessado o Piggio, mas que é preciso informar o número do celular para que o sistema realize um pré-cadastro e envie um código de acesso via SMS.

RESGATE DE VALORES

No entanto, para ver seu extrato e resgatar o saldo em produtos e serviços, ele deve se cadastrar no sistema e baixar o aplicativo móvel ou até mesmo movimentar a conta pelo site.

O sistema de pagamento móvel (m-payment) está sendo testado por alguns comerciantes parceiros e deve ser lançado em Maceió em agosto. Depois disso, os sócios pretendem expandir o recurso para todo o País até 2017.

Além dos R\$ 15.000,00 iniciais, o projeto foi se-

leccionado pelo programa do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), o Startup Brasil, e recebeu R\$ 198.000,00 em bolsas de pesquisa para consolidar o empreendimento.

"Utilizamos os recursos para contratar nossa equipe, em abril deste ano. Até então, o desenvolvimento era feito somente por mim e Jefferson. Mas o grande investimento foi de trabalho, estudo e dedicação mesmo", revela.

O engenheiro Bruno Peixoto listou outras vantagens que o comerciante pode obter ao utilizar o sistema. "Para o comerciante, a alternativa oferecida pelo Piggio diminui os prejuízos sofridos pelo arredondamento de preços e a perda de vendas quando o cliente não abre mão

do troco, além de ele ter a imagem de sua empresa associada a soluções inteligentes. O empresário tem também uma redução de custos de aquisição, transporte, armazenamento e manipulação de troco, que são muito altos", conta.

Para os consumidores, os benefícios vão desde a satisfação por ter seus direitos garantidos até a aquisição de grande variedade de produtos disponibilizados pelo sistema.

"A plataforma será lançada com as opções de recarga de celular, doação, saque para conta-corrente e transferência para outras contas Piggio, mas a gente pretende ampliar o leque para oferecer milhas aéreas, vale-compras e estacionamento", conclui o empreendedor.

BRUNO PEIXOTO
ENGENHEIRO DE SOFTWARE
"Podemos dizer que, para o comerciante, o Piggio é o troco eletrônico; para o consumidor, é um cofrinho eletrônico"



R\$ 198 mil

estão garantidos pelo Ministério da Tecnologia para desenvolver projeto inovador

Brasileiro ainda prefere pagar com 'dinheiro vivo'

Mesmo com o aumento do uso dos cartões de crédito e débito, os brasileiros ainda preferem realizar o pagamento com dinheiro em espécie. É o que aponta a pesquisa "O brasileiro e sua relação com o dinheiro" feita pelo Banco Central do Brasil (BCB), no ano passado.

O levantamento mostra que a popularização do "dinheiro de plástico" também vem reduzindo o pagamento em espécie. Em 2005, a pesquisa revelou que 98% dos entrevistados usavam o dinheiro como forma de pagamento; já no ano passado, a média caiu para 70%.

Para o economista e professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) em Delmiro Gouveia, Anderson Henrique Araújo, a preferência por quitar as dívidas em espécie é decorrente da aceitação da moeda em quase todos os estabelecimentos comerciais. Além disso, reforça, as pessoas se sentem mais seguras pagando com "dinheiro vivo".

Em relação às moedas, a pesquisa do BCB revelou que o brasileiro tem saído de casa com menos moedas no bolso. "Enquanto em 2005 a grande maioria das pessoas andava com um valor entre R\$ 3,00 e R\$ 5,00 na carteira; em 2013, grande parte da população concentrou, no máximo, R\$ 3", afirma o economista.

Para o professor, há vários fatores que explicam a escassez das moedas. Um deles, é a velocidade de circulação do metal no mercado. "A pesquisa também aponta que a circulação da moeda é mais bai-

xa que o ideal, já que o consumidor passa, em média, sete dias para realizar transações com o mesmo dinheiro", acrescenta. A assessoria do BCB informou que o Banco Central estimula a circulação das moedas e sugere que os cidadãos não as guardem em casa, para reduzir os gastos públicos com a fabricação de novas moedas.

Em Alagoas, de acordo com o especialista, a forma que as pessoas costumam guardar o dinheiro também contribui para o problema da falta de troco. "O tradicional uso de cofres como poupança "quase forçada" acaba dificultando a rotatividade das moedas. Depois do recolhimento das notas de R\$ 1,00, o problema só vem aumentando".

"Para os consumidores, sugiro que guardem as moedas em cofrinhos por pouco tempo e, depois, depositem no banco; já para os comerciantes, a sugestão é de que eles incentivem o pagamento no débito e que incluam os custos administrativos no preço dos produtos para não ter prejuízos". **ES**

* Sob supervisão da editoria de Economia.



R\$ 3

é o valor médio em moedas conservadas no bolso do brasileiro, segundo pesquisa do Banco Central



Consumidora e negociante: troco em moedas, no centro de Maceió